

## UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A LUTA PELA TERRA DE DESCENDENTES DE GUARANI, CANGUÇU/RS

**SILVA, Cátia Simone Castro Gabriel da**

Bacharelado em Antropologia (UFPel) / catia@noradar.com

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da

Bacharelado em Antropologia (UFPel) / rogerio\_ros@yahoo.com.br

### 1 INTRODUÇÃO

O tema da minha pesquisa realizada para fins da disciplina Etnologia Ameríndia I do curso Bacharelado em Antropologia é a luta pela conquista da terra de descendentes de Guarani no médio inferior da bacia hidrográfica do Rio Camaquã, no Assentamento União – 5º Distrito de Canguçu.

A partir de um olhar interdisciplinar entre a Antropologia, a História e a Sociologia, busco identificar a cultura guarani, as origens das pessoas descendentes desse grupo étnico, e as relações sociais desses indivíduos na produção agrícola e criação de animais, para a manutenção do grupo.

Atenta-se para o protagonismo desses descendentes de Guarani para adquirirem os lotes, produzirem alimentos para subsistência e comércio e neles permanecerem na condição de pequenos agricultores. Essa pesquisa apresenta um recorte dentro de um universo de inúmeros habitantes dessa etnia, que vivem hoje espalhados pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia é qualitativa, faz-se uso da história oral apoiada no método antropológico da observação participante. As narrativas dos sujeitos aqui em análise permitem um olhar interdisciplinar entre os campos da Antropologia, da História e da Sociologia.

O processo de investigação será registrado no diário de campo, objetivando a aproximação do pesquisador com o diferente. Como explica Malinowski, onde é preciso ir a campo para conhecer a cultura do outro.

Da mesma forma, foi realizado um registro imagético da família entrevistada, para servir de apoio estético a pesquisa, a fim de otimizar o processo cognitivo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Guarani é uma das etnias ameríndias mais representativas das Américas, estando dividido em vários grupos étnicos tais como os Mbya, os Nhandeva, os Xiripá e os Kaiová. Cada grupo possui suas especificidades dialetais, culturais e cosmológicas, diferenciando-se umas das outras.

Início a minha etnografia com as palavras do Sr. Manoel Alceu Gonçalves Vargas, bisneto de Guarani, natural do município de Tupancireta, localidade entre Júlio de Castilhos e Cruz Alta, vizinho do protagonista e meu informante, ele diz: “o Davi é instruído, viajado, ele tem bem os traços indígenas, sabe fazer

cestarias. Eu sou descendente de Guarani do Uruguai, mas não lembro mais nada, ele sabe muito mais”.

Seguindo a estrada em direção ao rio Camaquã, no município de Canguçu, encontramos à direita um corredor de cana-de-açúcar e após alguns metros, uma casa de alvenaria rodeada por um campo à beira de uma mata nativa. Os cachorros nos receberam, apesar de muitos, não foram hostis; em seguida, vindo da lavoura, apareceu a Sra. Geni, esposa do Sr. Davi, muito educada e hospitaleira me convidou para entrar em sua casa e aguardar o marido que já chegaria da lavoura.

O protagonista da etnografia é o Sr. Davi Alves de Moura, nascido no dia 12 de janeiro de 1952, em São Vicente, onde hoje é a cidade de Mata (RS), região das Missões Jesuíticas. Ele é casado com Geni Lima de Moura, com ela teve sete filhos, porém uma menina é falecida. O sr. Davi possui o segundo grau completo, a esposa estudou até a 3ª série do ensino fundamental, ele deu estudos aos cinco filhos mais velhos e até agora incentiva o mais moço, de nome Cristiano, e a neta Janine a estudar.

Sendo neto de “*guarani puro*”, ele conta que devido às adversidades da vida, o seu avô João Cavalheiro de Moura deixou a aldeia onde vivia na Reserva da Guarita, entre Palmeira das Missões e Miraguaí (RS). Da mesma forma, lembra que o avô foi pego a cachorro no mato pelos italianos, que o amarraram por um pé e o embriagaram com cachaça para não fugir. Como é possível observar, a memória cultural guarani herdada dos antecedentes se destaca em seu Davi. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2004: 55).

O Sr. Davi explicou o processo para confeccionar cestarias, peneiras e redes, em que o material usado é a lâmina da taquara. Enquanto a conversa seguia na casa da família observei que os quadros na parede da sala e da cozinha remetiam ao movimento de luta da reforma agrária.

Davi, desde 1971, participa do Movimento dos Sem Terra, angariando fundos, pois havia a deficiência de alimentos para as famílias. Em 1979, estava com a esposa Geni e o filho mais velho Gilmar Alves de Moura vivendo no Acampamento Matriz, em Encruzilhada Natalino, antiga Ronda Alta, hoje Três Palmeiras-RS. Eles também acamparam no Assentamento Terra Nova, situado a 670 quilômetros de Cuiabá, no estado de Mato Grosso, onde tiveram momentos difíceis, eles tinham uma casa na vila e outra no mato, foi lá que faleceu sua filha pequena, Diana Alves de Moura. “*Era muito ruim lá. Foi à cooperativa que nos levou*”, diz a esposa Geni.

A partir disso, eles resolveram desistir daquele lugar inóspito, e voltaram para Ronda Alta, participando de todos os acampamentos durante seis anos e sete meses, eles narraram também que enfrentaram muitas dificuldades e problemas, era a época da Ditadura Militar.

Depois disso, a família trocou o lote conquistado em Ronda Alta pelo de Canguçu, ele possui um e o filho Gilmar outro. O Sr. Davi mostrou-nos a divisa dos dois lotes, onde não existe cerca, marca da cultura ameríndia da coletivização da terra. Além desses, arrendam mais dois lotes, ficando com um total de quatro. São plantados em média 20 hectares de soja transgênica em cada um, além de outras culturas, como milho, arroz, feijão, aipim, abóbora, aveia, azevem e cetária. Essa última é um projeto da Embrapa Clima Temperado.

O protagonista falava do passado, projetando-se para o futuro, narrando histórias de seus antepassados, suas e da família. Mantendo traços culturais Guarani-missioneiro: o gosto pela terra, pela narrativa e a bela oratória.

A luta pela terra é o que muitos ameríndios e seus descendentes estão buscando. Direito legítimo, pois essas terras pertenciam aos seus antepassados. Uma característica ameríndia importante é o interesse pela terra, para produzir como seus pais e avós o sustento para a família.

Não existe divisão de trabalho, todos trabalham juntos e dividem entre si a produção de alimentos e o dinheiro arrecadado com o comércio dos produtos. Sua principal fonte de economia é a agricultura, para isso eles utilizam trator, grade e ferramentas manuais. O interesse pela agricultura, o sentido comunitário são remanescentes das Reduções Jesuíticas dos séculos XVII e XVIII, conforme explica Arnaldo Bruxel (1987), fator de sedentariedade e subsistência.

A família possui também uma criação de animais diversificada: galinhas, perus, patos, porcos, ovelhas e vacas, sendo o leite vendido à Cooperativa dos Assentados Terra Nova. O restante dos produtos é comercializado com o proprietário do Armazém Noremberg, no Posto Branco. O Sr. Davi disse que não se importa por verificar ou conferir os valores financeiros pagos, que o proprietário é uma pessoa boa e séria, sempre disponibilizando crédito. Observei que possuem contato com as agências sociais: Emater, Incra e Embrapa, o que me remete às observações de João Pacheco de Oliveira (1999).

Com relação à religião, quando eu entrei na sala vi a imagem de uma santa na parede, o que identifiquei como *índice*<sup>1</sup> da fé católica (GEERTZ, 2001). Analisando as origens culturais, como explica Franz Boas, percebi que poderia se tratar de uma herança cultural missioneira, onde, nas Reduções Jesuíticas todos os guaranis aprendiam o catolicismo (BRUXEL, 1987). No entanto também pode-se levar em conta os auxílios da igreja católica aos acampados, repercutindo na sua fé.

Os guaranis possuem duas almas; a alma divina e a alma telúrica. A primeira é a que leva o indivíduo ao paraíso, a encontrar com os deuses após a morte, porém necessita de desapego material.

O Sr. Davi disse que não gosta de assistir TV, nem escutar rádio e usar celular. Não perguntei na hora o porquê disso, mas lendo Celeste Ciccarone (2001), entendo que talvez se trate da relação espiritual. Para os guaranis, há critérios para a utilização das roupas, não usam calças de brim, sapatos ou roupas extravagantes. Na dieta alimentar, não gostam de comer carne industrializada. Estas atitudes aumentam a alma divina e diminuem a alma telúrica. Desse modo, eles buscam força espiritual, perseverança e grandeza de coração para alcançarem o caminho de Ñande ru Reta, a perfeição e a imortalidade como explica a autora Celeste Ciccarone (2001: 209).

Com a água possuem um cuidado especial, preservam as nascentes dos rios, não colocando veneno nas plantas. Com relação à saúde, usam bastante ervas de chás.

O interlocutor disse que os fazendeiros e outros moradores não assentados os discriminam, pensam que eles estão ocupando uma terra que poderia ser de outro e que são pessoas de confusão. Os vizinhos do

---

<sup>1</sup> Clifford Geertz propõe o uso da semiótica, portanto, foi utilizado os estudos do físico e matemático Charles S. Pierce, onde o índice são como rastros deixados pela cultura.

assentamento disseram que o Sr. Davi e a sua família são ótimas pessoas e a proprietária do armazém Noremberg disse que conheciam uns descendentes de ameríndio, mas não sabiam onde moravam, tensões resultantes de relações étnicas que primam pela invisibilidade e exclusão social, o que remete à contribuição de João Pacheco de Oliveira (1999).

#### 4 CONCLUSÕES

Conclui-se através dessa pesquisa etnográfica, que embora os descendentes tenham traçado um novo modo de vida, distante dos seus antepassados, ainda possuem as características da cultura guarani, tais como: a origem, a bela oratória, o gosto pela narrativa, o saber confeccionar cestarias, a preocupação e o gosto pela natureza, a liberdade, o sentido do coletivismo. Enfim todos os traços que se apresentaram no texto acima.

O Sr. Davi e a sua família são orgulhosos de serem descendentes da etnia guarani. Porém, como as culturas vão se resignificando, tomando emprestado traços culturais de outras, também ficou explícito o desejo dele não querer mais viver como os seus antepassados ameríndios e, sim, como um agricultor.

#### 5 REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. **As limitações do método comparativo da antropologia.** Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis.** Porto Alegre: Nova Dimensão: 1987, p. 10, do capítulo 1, p. 58, do capítulo 23.

CICARRONE, Celeste - **Drama e Sensibilidade Migração, Xamanismo e Mulheres Mbya Guarani.** 2001. Tese de Mestrado em Ciências Sociais – PUC, São Paulo, 2001.

GEERTZ, Clifford. O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. In: **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Capítulo 11, p. 191 – p. 228.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A problemática dos “índios misturados” e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história. In: **Ensaio em Antropologia Histórica,** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.

TEMPASS, Martín César. **Orerémbiu: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia mbya guarani.** 2005. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.